

RABISCOS INVISÍVEIS: MANIFESTAÇÕES DISCURSIVAS SOBRE SEXUALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Alessandro Ferreira de Castro ¹

Jamili Silva Fialho ²

Juliana Matos Figueiredo ³

RESUMO

As manifestações relacionadas à sexualidade, a partir de inscrições textuais e imagéticas produzidas por estudantes em carteiras e paredes escolares, são recorrentes. Este artigo apresenta um relato de experiência proporcionada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, subprojeto de Biologia da Universidade Estadual do Ceará, realizado em uma escola pública de Ensino Fundamental no Ceará. A investigação partiu da observação de rabiscos e inscrições com conteúdo sexual em carteiras e paredes de salas de aulas do 7º e 8º ano. A pesquisa é do tipo qualitativa apoiada na Análise Crítica do Discurso, especificamente no modelo tridimensional proposto por Norman Fairclough (2016). As manifestações observadas foram organizadas em três categorias: sexualidade como forma de provocação, pornografia como referência informacional para a prática sexual e silenciamento institucional. Os resultados indicaram que os discursos cômicos e sexualizados funcionam como válvulas simbólicas de escape, tendo em vista a ausência de espaços legítimos para o debate da sexualidade na escola. Tais inscrições revelam também tensões relacionadas a desejos reprimidos, a naturalização do consumo de pornografia e a falta de escuta institucional. A escola participa, mesmo que de forma não proposital, da construção de sentidos sobre o corpo, o prazer e o gênero, ao passo que omite discussões fundamentais para o desenvolvimento crítico dos sujeitos.

Palavras-chave: PIBID, Educação Sexual, Análise Crítica do Discurso.

INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

A adolescência no ocidente é compreendida como uma fase intermediária entre a infância e a juventude, marcada por diversas mudanças no campo social, biológico e psicológico, refletindo-se na construção da identidade de um sujeito e na forma como este se relaciona consigo mesmo, com o outro e o mundo ao seu redor (Ribeiro; Rocha, 2017). Essa

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciencias Biológicas da Universidade Estadual do Ceará - UECE, alessandro.castro@aluno.uece.br;

² Doutora em Ecologia e Recursos Naturais da Universidade Federal do Ceará - UFC, jamili.fialho@uece.br;

³ Mestre em Ciências Florestais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), biojulianamatos@gmail.com;
[Digite aqui]

etapa da vida é caracterizada por um forte desejo de liberdade e independência, aliada de profundas transformações cognitivas, emocionais, físicas e na personalidade (Domingos; Santana; Zanatta, 2021).

Apesar da sexualidade ser algo contínuo e construído ao longo da vida (Louro, 2008), ela ainda constitui um marcador social cercado de tabus e preconceitos. Os espaços socioculturais, em geral, pouco abordam as questões que envolvem a sexualidade, o que gera silenciamentos e formas de repressão. A escola, enquanto espaço de formação humana, deveria tratar o tema com mais transparência e acolhimento, reconhecendo sua presença no cotidiano de alunos, professores e funcionários. (Nascimento et al., 2021). No ambiente escolar, o silenciamento institucional sobre a sexualidade convive com manifestações espontâneas dos estudantes, que frequentemente expressam suas inquietações por meios não convencionais, como rabiscos e mensagens sexualizadas em carteiras e paredes da sala de aula.

É importante compreender que, historicamente, o ser humano registra seus corpos, desejos e práticas sexuais por meio de estátuas, pinturas e artefatos rupestres, os quais evidenciam manifestações corporais, sexuais, de gênero e sexualidade (Oliveira; Justamand, 2021). As mais de 900 pinturas rupestres presentes no Parque Nacional Serra da Capivara, localizado no estado do Piauí (Guidon, 2014), constituem um exemplo representativo e científico de como temas relacionados ao corpo, à sexualidade e aos desejos são intrínsecos e primitivos ao ser humano (Freud, 2019). Por isso, é compreensível que alunos ainda manifestem comportamentos semelhantes na atualidade. O que se modifica, ao longo do tempo, são os meios e as tecnologias utilizadas para expressar tais fenômenos.

Assim, no contexto contemporâneo, marcado pelo avanço tecnológico e pelo fácil acesso às redes sociais, sites e mídias diversas, impõem-se valores, comportamentos e expectativas que moldam os sujeitos. Esses elementos atuam como dispositivos culturais de forte influência, tornando difícil escapar de seus efeitos normativos. A sexualidade, assim como o gênero, são construções sociais e marcadores identitários moldados por diferentes contextos socioculturais. Instituições como a igreja, a escola e a família atravessam esses processos, podendo reforçar ou contestar tais normas. (Louro, 2008).

Portanto, este trabalho apresenta um relato de experiência vivenciado no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Biologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em uma escola pública de Quixadá, Ceará. Durante as atividades de observação nas turmas do 7º C e D e 8º A e B do Ensino Fundamental Anos Finais, foi possível identificar, nas carteiras e paredes das salas de aula, diversos rabiscos com [Digite aqui]



conteúdo sexual, tanto explícito quanto implícito. Entre as várias expressões encontradas estavam frases como “c* grátis”, “cozinha do job” e “Xvideos” além de desenhos dos órgãos genitais.

A partir da observação desses rabiscos e inscrições de conteúdo sexualizado em paredes e carteiras das salas de aula este estudo parte da seguinte questão: que sentidos e significados essas expressões comunicam ou denunciam sobre a ausência de espaços legítimos para o debate sobre a sexualidade no contexto escolar? Com base na Análise Crítica do Discurso (ACD), propõe-se refletir criticamente sobre tais manifestações enquanto práticas discursivas marcadas por processos ideológicos e tensionamentos sociais. O estudo tem como objetivo geral analisar como essas expressões evidenciam o silenciamento institucional da educação sexual na escola. De modo específico, busca-se identificar os rabiscos de cunho sexual observados e analisá-los com base nas escolhas linguísticas, sentidos discursivos produzidos e dos posicionamentos ideológicos neles inscritos, à luz da ACD (Fairclough, 2016).

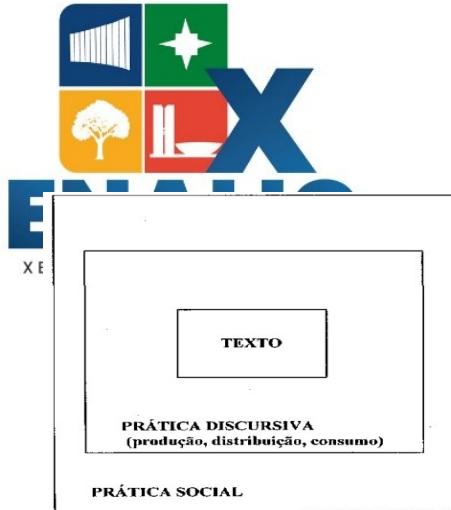
METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência com abordagem qualitativa (Antunes et al., 2024) ancorado na ACD, por ser uma ferramenta metodológica eficaz para interpretar os rabiscos escolares compreendidos aqui como textos e discursos, analisados a partir de três níveis de análise proposto por Fairclough (2016): o textual (conteúdo, forma das expressões e significações), o discurso (modo de circulação e produção) e o social (contexto escolar e cultural). A coleta de dados ocorreu entre os meses de novembro de 2024 a abril de 2025, período dedicado à etapa de conhecimento da escola e observação das aulas ministradas pela professora supervisora, sendo realizados registros descritivos e fotográficos, sempre respeitando os princípios morais e éticos de não identificação dos sujeitos envolvidos.

A análise dos dados seguiu rigorosamente a concepção tridimensional do discurso proposta por Norman Fairclough (2016) para a análise de textos discursivos (Figura 1).

Figura 1-modelo da concepção tridimensional do discurso

[Digite aqui]



Fonte: Fairclough (2016)

De acordo com o modelo de Fairclough (2016), temos: (1) descrição textual, identificando vocabulário, expressões e estilo das frases e desenhos; (2) análise da prática discursiva, compreendendo os modos de produção, distribuição e consumo desses textos e (3) análise da prática social, que envolve a interpretação das condições sociais mais amplas que influenciam os discursos. A etapa textual refere-se à descrição dos elementos linguísticos e à análise da força dos enunciados, considerando os aspectos do vocabulário empregado (informal e vulgar), os recursos estilísticos usados (humor e provocação) e o efeito de sentido produzido no contexto em que aparecem. Esses critérios permitem identificar traços de resistência, identidade ou conflito simbólico presentes nos discursos analisados.

Já as etapas da prática discursiva e da prática social dizem respeito à interpretação do discurso, considerando tanto os processos de produção e circulação quanto os contextos sociais e ideológicos mais amplos (Fairclough, 2016). Neste estudo, tais etapas são utilizadas para analisar como as condições escolares e sociais favorecem ou inibem a expressão da sexualidade no ambiente escolar. Ressalta-se que as práticas discursivas e sociais estão profundamente conectadas, e separá-las de forma rígida comprometeria a coerência analítica do material; por isso, estão sendo descritas conjuntamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os rabiscos/discursos analisados das expressões textuais e imagéticas presentes em carteiras e paredes das salas de aula revelaram diferentes significados e sentidos. Os rabiscos de cunho sexual, nomes de sites pornográficos, desenhos de órgãos genitais, gírias e expressões apresentaram não apenas o uso do humor e da provocação, mas também conteúdos simbólicos relacionados ao desejo, ao corpo e à sexualidade. A partir desse conjunto de manifestações, foram identificadas três categorias principais de análise: (1) sexualidade como

[Digite aqui]

forma de provação, (2) pornografia como referência informacional para a prática sexual e (3) silenciamento institucional. A seguir, essas categorias serão descritas e discutidas com base na ACD, articulando os dados empíricos às dimensões textual, discursiva e social (Fairclough, 2016).

1. Sexualidade como forma de provação

Análise textual: Os discursos/expressões como “c* grátis” ou “coisinha do job” traz uma banalização e erotização da linguagem cotidiana, com elementos do vocabulário conotativo. Essa situação é bastante comum em discursos informais e provocativos que tem o objetivo de passar para os colegas a informação, depois de atingi-lo, de forma direta e comicamente (Paula, 2012). O uso da linguagem nesse contexto parece cômico/humorístico, contudo, para a psicanálise a prática de provocar riso por meio de chistes⁴ pode na verdade ser uma forma de alívio psíquico de alguém que esteve ou está em sofrimento. O riso, atuaria como um meio de subversão das dificuldades, das carências e dos sofrimentos que normalmente provocariam dor e lágrimas, deslocando essas experiências para uma dimensão cômica (Wasserman, 2009).

Além disso, a forma como essas expressões metafóricas linguísticas são construídas também merecem atenção (Kövecses, 2005), especialmente se considerarmos que “o texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências), a única fonte de onde podem provir essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento” (Bakhtin, 2016, p. 71). Ou seja, por meio da combinação entre palavras comuns e gírias (“coisinha do job”) revela um vocabulário híbrido, que mistura referências do universo juvenil, da cultura digital, do gênero e da sexualidade.

Essa construção simbólica da linguagem tem raízes no desenvolvimento infantil, entre os dois e sete anos de idade, quando a criança passa a representar suas vivências por meio da linguagem, do desenho, da imitação e da construção de imagens mentais, desenvolvendo condutas de representação. Essa mesma habilidade de simbolizar se manifesta posteriormente de maneira mais elaborada em contextos sociais e escolares, como nas expressões escritas em carteiras e paredes, que fazem uso de linguagem vulgar, metáforas visuais e desenhos (como órgãos genitais) com o objetivo de provocar, impactar e interpelar o outro, evidenciando o uso intencional da linguagem como dispositivo simbólico e comunicativo (Piaget, 1975; Freitas; Assis, 2007).

⁴ Chistes são manifestações do inconsciente, segundo a psicanálise. Podem ser de dois tipos: os inocentes, que não visam provocar desconforto, e os tendenciosos, com conteúdo hostil ou obsceno, como piadas satíricas, irônicas ou cínicas (Freud, 1905).



Prática Discursiva e Social: Freud (1905) dispõe que o prazer provocado pelos chistes pode ter duas origens: os **innocentes**, que provocam sorrisos leves, e os **tendenciosos**, que despertam risos explosivos ao tocar conteúdos reprimidos do inconsciente. Entre os tendenciosos, destaca-se o *smut*, chiste obsceno que expõe conteúdos sexuais e ativa desejos e fantasias reprimidas da infância, gerando excitação, embaraço ou vergonha. Esse tipo de chiste remete ao desejo de expor ou ver o corpo, impulso que pode persistir na vida adulta por meio de uma linguagem sexualizada. Assim, o *smut* revela impulsos ligados ao exibicionismo e ao sadismo, funcionando como válvula de escape para desejos socialmente inaceitáveis.

Portanto, apoiando-se na psicanálise de Freud (1905), interpreta-se que os chistes produzidos pelos estudantes em suas práticas discursivas e sociais, por meio da utilização de linguagem/texto obscena escrita em carteiras e paredes, podem revelar desejos sexuais reprimidos. O espaço escolar, nesse contexto, torna-se apenas um lugar seguro ou não para tais manifestações, mas também um meio de provação, servindo como forma de serem ouvidos/as em um ambiente que ainda carece de uma abordagem efetiva da educação sexual (Monteiro; Ribeiro, 2018).

2. Pornografia como referência informacional para a prática sexual

Análise textual: Nesse segundo tópico, retomamos a discussão sobre a sexualidade como forma de provação, com base nos trabalhos de Freud (1905) e Wasserman (2009) acerca dos chistes tendenciosos. Considerando que esses chistes escritos expressam desejos reprimidos do inconsciente, entende-se que o contato precoce com conteúdo pornográfico não é a causa direta dessas manifestações, mas pode funcionar como um canal facilitador para a emergência de impulsos inconscientes, especialmente em sujeitos em desenvolvimento. Assim, ao escrever nomes de sites pornográficos em objetos, em estruturas físicas ou mencioná-los em conversas, os estudantes podem estar expressando, de forma simbólica e inconsciente, conteúdos relacionados à sua sexualidade.

A escrita recorrente da palavra “Xvideos”, que faz referência a um site de conteúdo pornográfico, denuncia o contato precoce e o consumo de material adulto por parte dos/as adolescentes. A palavra aparece repetidamente escrita em carteiras, paredes das salas de aula e no discurso dos alunos, especialmente entre os meninos, o que sugere naturalização do acesso a esse tipo de conteúdo e aponta para a necessidade de reflexão crítica sobre educação sexual no ambiente escolar.

De origem grega (pornógrafos) a palavra pornografia se refere a vivência, cotidiano e costumes de prostitutas e da sua clientela. Contudo, atualmente a palavra ganhou uma nova [Digite aqui]



significação, a de produção de conteúdo sexual adulto colocando em exposição a prática sexual ou de exposição de órgãos genitais, com intuito de estimular a excitação sexual e o prazer de consumidores/as desse tipo de material (Campos et al., 2023).

Dessa forma, os registros de nomes de sites pornográficos nas carteiras e paredes escolares não devem ser interpretados apenas como transgressão ou vandalismo, mas como práticas discursivas que revelam o acesso precoce à pornografia e a ausência de espaços legítimos para dialogar sobre sexualidade na escola. A repetição dessas expressões aponta para um contexto de silêncio institucional, onde temas como desejo, prazer, afeto e corpo são excluídos do currículo, apesar de fazerem parte do cotidiano dos estudantes ou de documentos normativos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC).

Prática Discursiva e Social: A presença do termo “Xvideos” no ambiente escolar mostra como certos sentidos circulam entre os estudantes e ganham força no dia a dia (Verón, 1997, apud Weschenfelder, 2024). O acesso precoce à pornografia acaba entrando no vocabulário informal dos/as adolescentes, o que gera novas formas de falar, contar e lidar com o tema dentro da escola (Weschenfelder, 2024). Nesse processo, eles mesmos criam, espalham e consomem seus próprios discursos sobre o site e o que ele representa. E mais uma vez denunciam a falta de diálogo por parte da instituição em debater assuntos que envolvam a sexualidade e gênero.

A pornografia nos Estados Unidos da América é atualmente considerada como um discurso protegido pelo viés da “liberdade de expressão” onde movimento feminista anti-pornografia, possuem duras críticas sobre a indústria, que violenta e mata muitas mulheres todos os anos. Esse discurso tutelado contribui para o crescimento da produção e do consumo de conteúdos adultos no Brasil e no mundo. Já que a democratização do acesso à internet possibilitou que qualquer pessoa com acesso à rede tenha interação com sites pornográficos (Ribeiro, 2023).

Contudo, especialmente no contexto brasileiro, ainda há escassez de pesquisas que abordem os impactos do consumo desse tipo de material sobre a construção das sexualidades. Pois, indivíduos que consomem pornografia com frequência tendem a apresentar maiores dificuldades de relacionamento com o próprio corpo, com o afeto e com a conduta sexual do parceiro. Também são apontados efeitos negativos sobre os vínculos afetivos, como a diminuição da satisfação nos relacionamentos amorosos e a fragilização da confiança entre os pares (Campos et al., 2023).

[Digite aqui]

Além disso, pornografia, por meio de discursos implícitos, sustenta a desigualdade de gênero estruturada na sociedade através de suas imagens violentas e misóginas. As mulheres dentro da indústria pornográfica são vistas como abjetos e subalternas ao poder hegemônico masculino, o que causa opressão, discriminação e até mortes de muitas (Ribeiro, 2023), seus corpos são infantilizados para agradar a clientela, o que pode levar a normalização da pedofilia (Biondo et al., 2024).

Torna-se evidente, portanto, a necessidade de estar atento aos discursos dos/as estudantes em sala de aula que envolvem a pornografia. Isso porque, segundo a jurista e ativista feminista estadunidense Catharine MacKinnon, as práticas discursivas pornográficas não são apenas palavras: elas produzem sentidos, moldam percepções e estão diretamente ligadas ao consumo e à distribuição de conteúdo adulto (Ribeiro, 2023).

3. Silenciamento institucional

Análise textual: Segundo o Dicionário Online de Português (2025), o silêncio pode ser compreendido como a ausência de som, mas também como um estado de introspecção, pausa ou ocultação de algo.

No contexto escolar enquanto instituição que acolhe sujeitos de diferentes gêneros, corpos, sexualidades, raças e outros marcadores sociais, o silêncio não deve ser naturalizado, mas sim enfrentado como um elemento que pode ocultar dores, desigualdades e exclusões. É necessário que a escola se constitua como espaço de escuta, debate e acolhimento, pois o silêncio diante das interseccionalidades humanas contribui para a marginalização dos corpos que, historicamente, já foram colocados à margem da sociedade (Reis; Sousa; Teixeira, 2021).

Prática Discursiva e Social: A escola como qualquer outro espaço sociocultural brasileiro é marcado por lógicas de ideias modernas e coloniais, logicamente, não está isolada da realidade no qual está inserida. Até por que é uma instituição que é atravessada por diversas disputas políticas, desigualdades socioeconômicas e tensões culturais que se manifestam num cotidiano conflituoso e contraditório (Henrique; Rocha; Silva, 2024).

Crianças e adolescentes carecem de informações voltadas para sua faixa etária, considerando que a maioria das práticas educativas sobre raça, gênero e sexualidade ainda é voltada ao público adulto. A escola que deveria promover um debate intensificado sobre diversas pautas humanas, facilitando o desenvolvimento crítico, reflexivo e formativo dos/as estudantes, se torna um espaço institucional que, de forma explícita ou implícita, tenta impor um pedido covarde aos alunos/as o de deixarem sua sexualidade e seu gênero do lado de fora.

Um pedido impossível de ser cumprido, já que gênero e sexualidade se manifestam [Digite aqui]



continuamente: nos banheiros, nas salas de aula, nas amizades, nas conversas de corredor, nas paredes e nos muros da escola (Brasil, 1998).

Mesmo que não deseje, a escola participa ativamente da construção de sentidos sobre a sexualidade, o que evidencia que não existe neutralidade em sua atuação. Diante disso, movimentos sociais há muito tempo, reivindicam que os currículos escolares incluam discussões contínuas, acolhedoras e comprometidas com os direitos humanos sobre temas como sexualidade, gênero e raça evitando reduções ao campo biológico, como a simples prevenção de doenças. Defende-se, assim, uma abordagem mais ampla e socioecológica, que promova reflexões sobre as relações de poder hegemônicas e ideológicas que atravessam esses marcadores sociais e permita compreender a sexualidade e o gênero como uma construção social, histórica e política (Negrão; Ramos, 2016).

Portanto, é urgente que o espaço escolar desenvolva debates que envolvam questões relacionadas à sexualidade e ao gênero desde as etapas iniciais da formação, inclusive com crianças e adolescentes. Tais temas devem ser abordados de forma transversal, como defendem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1998), especialmente diante do esvaziamento ou da exclusão desses conteúdos na BNCC de 2018 resultado das influências do conservadorismo e do neoliberalismo sobre esse documento normativo. Incorporar debates sobre sexualidade, gênero e raça de maneira transversal e contextualizada é, portanto, não apenas uma resposta às demandas sociais, mas também um passo fundamental para a construção de uma educação emancipadora, inclusiva e acolhedora (Fernandes, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos escolares expressos em inscrições nas carteiras e paredes revelam tensões simbólicas vividas pelos sujeitos. Termos como “coisinha do job”, “c* grátis” e “Xvideos” não devem ser lidos de forma superficial ou punitiva, mas como manifestações de uma sexualidade silenciada, marcada por desejos reprimidos, violências simbólicas e ausência de escuta. Essas práticas evidenciam a falta de espaços institucionais para um debate aberto e acolhedor sobre gênero e sexualidade, já que, em vez de promover o diálogo, a escola muitas vezes silencia, normatiza e reforça padrões exclutentes.

Além disso, a presença da pornografia como referência entre adolescentes denuncia uma ausência de políticas efetivas de educação sexual e escancara a influência de discursos neoliberais e conservadores, que esvaziam documentos normativos como a BNCC (2018) e o DCRC, ao suprimir temas essenciais para o desenvolvimento integral dos sujeitos. Como [Digite aqui]



defendem os PCNs (Brasil, 1998), é necessário tratar essas questões de forma transversal e crítica, desde os anos iniciais, com responsabilidade pedagógica e compromisso ético.

Dessa forma, reforça-se a urgência de se construir uma escola que ouça, acolha e dialogue com os sujeitos em sua totalidade. Incorporar debates sobre sexualidade e gênero não é apenas uma necessidade didática, mas um ato político, que rompe com o silenciamento e abre caminhos para uma educação emancipadora, que respeita as diferenças e promove a equidade. Esperasse que a escola seja, de fato, um espaço de formação crítica, afetiva e inclusiva e não de exclusão simbólica e disciplinar (Casagrande; Luz, 2016).

REFERÊNCIAS

ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE . RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, [S. I.], v. 2, n. 7, p. e27538, 2021. DOI: [10.47820/recima21.v2i7.538](https://doi.org/10.47820/recima21.v2i7.538).
Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/538>. Acesso em: 26 jun. 2025.

ANTUNES, J.; TORRES, C. M. G.; ALVES, F. C.; QUEIROZ, Z. F. de. Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada? Contribuições metodológicas. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. I.], v. 6, p. e12517, 2024. DOI: 10.47149/pemo.v6.e12517. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12517>. Acesso em: 26 jun. 2025.

BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica. In: . Os gêneros do discurso. Org., tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BIONDO, Ana Júlia dos Santos; SOBRINHO, Leonardo Corrêa; ABRÃO, Maria Julia Rocha Gonçalves de Oliveira; AUREA, Yasmin Cardoso; COSTA, Yasmim Prestes; PICOLO, Julia Molitor Souza. **A INFANTILIZAÇÃO DA MULHER NA PORNOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE NORMALIZAÇÃO DA PEDOFILIA. Caderno de Publicações Univag**, [S. I.], v. 14, n. 14, 2024. DOI: 10.18312/cadernounivag.v14i14.2834. Disponível em: <https://www.periodicos.univag.com.br/index.php/caderno/article/view/2834>. Acesso em: 2 jul. 2025.

Brasil. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 174 p. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2025.

CAMPOS, G. S.; AMORIM, G. M.; MOURA, V. K. F.; TAVARES, J. R.; PEREIRA, I. V. dos S.; DOS SANTOS, U. P. P.; DA SILVA, J. C. S.; FERREIRA, M. dos S. ANÁLISE DO CONSUMO DE PORNOGRAFIA EM UMA AMOSTRA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

[Digite aqui]



COMO BASE PARA EDUCACAO SEXUAL. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 3, n. 10, p. 19173–19190, 2023. DOI: 10.56083/RCV3N10-136. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1805>. Acesso em: 27 jun. 2025.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; LUZ, Nanci Stancki da (Org.). **Entrelaçando gênero e diversidade: enfoques para a educação**. Curitiba: UTFPR Editora, 2016. 401 p.

DA COSTA NEGRÃO, Felipe; DA SILVA RAMOS, Erika. **MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE HOMOFOBIA NA ESCOLA. Revista Amazônica: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas**, v. 1, n. 2, 2016.

DE FREITAS, M. L. DE L. U.; DE ASSIS, O. Z. M. Os aspectos cognitivo e afetivo da criança avaliados por meio das manifestações da função simbólica. **Ciências & Cognição**, v. 11, 11.

DE PAULA, Laura Corrêa. Discurso Formal e Informal, Texto e Diálogo e Identidade Cultural: Manifestações Expressivas nas Organizações. **Anagrama**, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 4, p. 1–14, 2012. DOI: 10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2012.35664. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anagrama/article/view/35664>. Acesso em: 28 jun. 2025.

DICIO. *Silêncio*. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/silencio/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

DOS SANTOS HENRIQUE, E.; DAUDT DA ROCHA, L.; DA SILVA, G. Masculinidade hegemônica e educação: um estado do conhecimento. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 18, n. 40, 2024. DOI: 10.22420/rde.v18i40.1902. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1902>. Acesso em: 1 jul. 2025.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. 2. ed. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

FERNANDES, Luciana Lima. Currículo decolonial e feminista: por uma educação plural, crítica e afetiva. Orientador: Sylvio de Sousa Gadelha. 2022. 158 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. LeBooks Editora, 2019.

FREUD, Sigmund. *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Original publicado em 1905).

GUIDON, N. A Fundação Museu Homem Americano e o Parque Nacional Serra da Capivara: um relato sucinto de quatro décadas de pesquisas. In: Pessis, Anne-Marie P.; GUIDON, N; MARTIN, G. Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. A&A Comunicação, São Paulo, vol. A, p.26-44, 2014.

IRINEU, Lucineudo (org.). *Análise de Discurso Crítica: exercícios analíticos*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. Disponível em:

[Digite aqui]



<https://www.uece.br/wp-content/uploads/2021/11/análise-de-discurso-2.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.

KÖVECSES, Z. **Metaphor in culture: universality and variation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LOURO, G. L.. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 17–23, maio 2008.

DE SOUZA MONTEIRO, Solange Aparecida; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A “in” visibilidade dos temas da sexualidade no ambiente escolar e a formação docente. **Revista Internacional de Formação de Professores**, p. 87-110, 2018.

NASCIMENTO, Marcos Felipe Freitas Do et al.. **Educação sexual: um tabu na comunidade escolar.** VII CONEDU - Conedu em Casa... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/80471>>. Acesso em: 26/06/2025 12:06

OLIVEIRA, G. F.; JUSTAMAND, Michel. A pintura do corpo e da sexualidade: análise de possíveis cenas sexuais de pessoas do mesmo sexo em pinturas rupestres no parque nacional serra da capivara-PNSC/Piauí–Brasil. **ANAIS do XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia-A Geografia que fala ao Brasil: ciência geográfica na pandemia ultraliberal**, v. 1, p. 1-5, 2021.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.* Tradução de Álvaro Cabral e Christiano M. Oiticica. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: INL, 1975. 370 p.

RIBEIRO, Carlos Alberto; ROCHA, F. N. Escolhas na adolescência: Implicações contemporâneas dos grupos sociais e da família. **Revista Mosaico**, v. 8, n. 2, p. 39-47, 2017.

RIBEIRO, Raisa Duarte da Silva. Discurso de ódio, violência de gênero e pornografia: entre a liberdade de expressão e a igualdade. 2023.

WASSERMAN, Marcelo. O riso é coisa séria: o humor na publicidade institucional como alternativa persuasiva. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em:

<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4368/1/410954.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2025.

WESCHENFELDER, Aline. **Circulação e interpretação. Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais**, v. 1, n. 6, 2024.